

Vulnerabilidades na plataforma digital: uma análise dos discursos de ódio contra lesbianidades no *Instagram*

Vulnerabilidades en la plataforma digital: un análisis de los discursos de odio contra las lesbianas en *Instagram*

Vulnerabilities on digital platforms: an analysis of hate speech targeting lesbians on *Instagram*

MARIA CLARA SOARES RODRIGUES¹,
KARINA GOMES BARBOSA²

Resumo: O artigo³ analisa comentários de uma publicação feita no *Instagram* pelo *Portal G1*, que noticia o caso de lesbofobia ocorrido em um bar de Catanduva (SP), em 2021. Buscamos compreender como o discurso de ódio se manifesta em casos de lesbofobia nos comentários e, para isso, realizamos agrupamentos de significados semelhantes (Gonzatti, 2017). As discussões abordam o contexto de vulnerabilidade que as lésbicas estão inseridas e as especificidades do discurso de ódio no *Instagram*. Como resultado, identificamos constelações de sentidos que evidenciam diferentes maneiras pelas quais o discurso de ódio pode se efetivar contra as lesbianidades.

Palavras-Chave: lesbianidades; lesbofobia; *G1*; *Instagram*; plataforma.

¹ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Email: mariaclarasoaesrodrigues@gmail.com.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UNB) com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Email: karina.barbosa@gmail.com.

³ Este trabalho contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 para ser realizado.

Resumen: El artículo analiza los comentarios de una publicación realizada en *Instagram* por el *Portal G1*, que informa sobre un caso de lesbofobia ocurrido en un bar de Catanduva (SP) en 2021. Pretendemos comprender cómo se manifiesta el discurso de odio en los casos de lesbofobia en los comentarios y, para ello, hemos agrupado los significados similares (Gonzatti, 2017). Los debates abordan el contexto de vulnerabilidad en el que se encuentran las lesbianas y las particularidades del discurso de odio en *Instagram*. Como resultado, identificamos constelaciones de significados que ponen de manifiesto diferentes formas en las que el discurso de odio puede dirigirse contra las lesbianas.

Palabras clave: lesbianismos; lesbofobia; *G1*; *Instagram*; plataforma.

Abstract: This article analyzes comments on an *Instagram* post by *Portal G1* reporting on an incident of lesbophobia that occurred at a bar in Catanduva (SP) in 2021. We sought to understand how hate speech manifests itself in cases of lesbophobia in the comments, and to this end, we grouped similar meanings (Gonzatti, 2017). The discussions address the context of vulnerability in which lesbians find themselves and the specific characteristics of hate speech on *Instagram*. As a result, we identified clusters of meanings that highlight different ways in which hate speech can be directed against lesbians.

Keywords: lesbianism; lesbophobia; *G1*; *Instagram*; platform.

Introdução

“Onde é esse bar pra eu dar os parabéns. Ninguém é obrigado a participar dessa aberração👏👏👏”. Esse foi um dos comentários lesbofóbicos, dentre centenas, que coletamos na análise da presente pesquisa. A afirmação foi retirada de uma publicação realizada pelo portal *G1* no *Instagram*⁴ em dezembro de 2021, a qual noticiou um caso de lesbofobia que um casal de mulheres sofreu em um bar, na cidade de Catanduva (SP), onde confraternizavam depois de um show. A comemoração acabou quando o proprietário do bar – não identificado na matéria – cancelou o pedido de um casal de mulheres após vê-las trocando um selinho. Segundo as vítimas, o violentador fez um símbolo de “aqui, não”, demonstrando que no estabelecimento não seria permitido que elas trocassem afetos. O autor do comentário que utilizamos para abrir esta discussão, como tantos outros, deu seu apoio ao violentador, visto que, para ele, mulheres trocando afetos

⁴ Disponível em: [link](#). Acesso em 20 mar. 2026.

entendidos socialmente como românticos não passam de “aberrações” e que, portanto, devem ser repreendidas.

Esse cenário de vulnerabilidade digital em torno das lesbianidades nos motivou a realizar esta pesquisa, com o objetivo de compreender de que modo o discurso de ódio se manifesta em relação às lesbianidades nesse espaço virtual. Buscamos, assim, identificar como o espaço dos comentários se consolida como um dos ambientes propícios à propagação de violências e ampliação de vulnerabilidades das lésbicas. É relevante mencionar que, devido às lógicas algorítmicas da plataforma, que distribuem o conteúdo aos usuários conforme a interação realizada por eles (Dijck, Poell & de Waal, 2018), a percepção social construída sobre as lesbianidades neste ambiente se dá de maneira situada, pois varia a depender das pessoas que acessaram a publicação, não podendo, então, ser generalizada como um posicionamento social totalizante da população como um todo.

Essa publicação em específico foi selecionada para compor nosso *corpus* de análise devido às seguintes razões: ter sido veiculada pelo *G1* – portal de grande credibilidade jornalística e presença marcante no *Instagram* –, por ter sido publicada em 2021, uma temporalidade relativamente recente e, portanto, condizente aos discursos que circulam sobre as lesbianidades neste tempo social; por ter um número significativo de comentários (2.228, no total), o que nos permite um campo empírico amplo; pela foto⁵ de capa da publicação explicitar o casal em um momento de afeto, o que visibiliza ao público, antes mesmo da leitura da legenda, que a temática abordada no post é referente às lesbianidades.

É oportuno abordar, desse modo, que as próprias características da publicação desempenham um papel importante em relação aos comentários emergentes, visto que são impulsionados a partir dela. A forma como o conteúdo foi apresentado, as hashtags utilizadas, a imagem selecionada das vítimas e a legenda do post — construída de maneira a destacar, desde o início, o aspecto homofóbico do crime — são elementos relevantes para a recepção e interpretação dos usuários.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla⁶ e, dado os objetivos propostos, optamos por concentrar nossa análise nos comentários que

⁵ A foto de capa da publicação não será explicitada neste texto com o intuito de não expor as vítimas presentes no conteúdo.

⁶ Trata-se de uma monografia publicada no repositório da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Disponível em: [link](#)

evidenciam discursos de ódio. Contudo, é pertinente mencionar que também há, na publicação, comentários de defesa às lesbianidades, como: “Que absurdo!!!! Sempre tem uma desculpa pra camuflar a homofobia”; “Todos merecem respeito, até quando vamos ter esse tipo de notícia?” e “Homofobia é crime e merece punição!”. Expressões como essas evidenciam que o espaço digital se constitui enquanto um lugar de disputa, no qual é possível encontrar, por um lado, manifestações de ódio, mas, por outro, discursos que as contestam. Essa ponderação é importante para evidenciar que não temos o objetivo de construir uma leitura homogênea sobre o *Instagram*, tampouco sugerir que os comentários analisados representam integralmente os posicionamentos presentes na plataforma. O foco nos discursos de ódio decorre, especificamente, do interesse em compreender os mecanismos pelos quais essas manifestações contribuem para a vulnerabilização das lesbianidades.

Para analisar o material, nos inspiramos no procedimento metodológico desenvolvido por Gonzatti (2017), que consiste em mapear os sentidos emergentes de práticas midiáticas e agrupá-los em categorias semelhantes, movimento que o autor denomina de “constelações de sentidos” (p. 17). Essa escolha metodológica nos permite compreender os significados construídos sobre as lesbianidades em cada comentário e, ao mesmo tempo, observar o panorama mais amplo dos agrupamentos de sentidos por inteiro.

Inicialmente, apresentamos um panorama da inserção do jornalismo no *Instagram* e as especificidades do discurso de ódio que se manifesta neste espaço digital, destacando o papel da própria plataforma em relação à ampliação da vulnerabilidade das vítimas. Em seguida, discutimos a dimensão sociotécnica do contexto de violências a que as lesbianidades estão submetidas no ambiente social e, logo, no virtual. Os dois primeiros tópicos, então, são os suportes teóricos do estudo. Posteriormente, detalhamos a proposta metodológica e expomos os resultados da análise dos sentidos emergentes dos comentários da publicação em questão.

***Instagram*: uma plataforma neutra?**

A inserção do portal de notícias G1 na plataforma *Instagram* se deu em 2012. Tal movimento possibilitou que, para além de jornais impressos e digitais, a divulgação de conteúdos jornalísticos acontecesse também nas plataformas digitais, o que permitiu ao público acessar as informações sob qualquer

localidade por meio dos *smartphones* (Ferreira; Montardo; Valiati, 2024). Os veículos são incentivados a fazer parte destes ambientes devido ao impulsionamento das métricas de visibilidade do conteúdo; à otimização do processo de leitura das notícias; e à facilidade de monitoramento do consumo do conteúdo que as plataformas digitais possibilitam (Ferreira; Montardo; Valiati, 2024).

O *Instagram*, assim como outras plataformas, nesse sentido, ampliou os modos pelos quais o público pode interagir com o conteúdo jornalístico, uma vez que os usuários conseguem consumir, curtir, compartilhar, comentar e interagir entre si, constituindo uma audiência ativa e participativa (John; Costa; Caminada, 2018). Por outro lado, embora a plataforma tenha possibilitado um espaço para os usuários construírem relações, fatores como a possibilidade de anonimato; a dinâmica de aceitabilidade entre pares (impulsionada, por exemplo, pela aprovação por meio de curtidas nos comentários); a ampla visibilidade potencializada pelo engajamento e pela lógica algorítmica; além do vácuo regulatório da rede, contribuíram para que esse espaço também se configure como um ambiente propício à disseminação de discursos de ódio (Oliveira, 2024). As próprias funcionalidades da plataforma, assim, podem ser apropriadas e utilizadas de modo favorável à circulação e visibilidade de violências, como as lesbofóbicas.

Cesarino (2022) atribui esse contexto ao alinhamento da infraestrutura da plataforma a forças sociopolíticas, que influenciam, inclusive, nas políticas de moderação, as quais se constituem em um cenário marcado por questões subjetivas e pressões políticas e socioeconômicas. Tal argumento é reforçado por Dijck, Poell & de Waal que, ao definirem o conceito de “sociedade de plataforma” (p. 18, 2018, trad.nossa), destacam que as plataformas são orientadas por valores e normas associados às estruturas sociais das quais fazem parte, sendo, portanto, indissociáveis delas.

Evidência disso é a Meta – empresa que detém o domínio de várias plataformas digitais, incluindo o *Instagram* – ter políticas contra minorias sociais. Em 2025, a empresa atualizou suas políticas de moderação de conteúdo para permitir discursos que associam a homossexualidade e a transsexualidade à anormalidade ou a doenças mentais (Tuvuca; Helder, 2025). Esse contexto sugere que as plataformas não são universos imparciais, mas operam de acordo com seus próprios interesses, especialmente os econômicos.

Dijck, Poell & de Waal (2018) nesse sentido, acrescentam que o modelo de negócios do *Instagram* está associado a fatores como as dinâmicas de engajamento e visibilidade dos conteúdos, orientadas a partir do modo complexo de funcionamento algorítmico. Desse modo, é de interesse das plataformas que os usuários interajam com os conteúdos e entre eles, uma vez que seus sentimentos e opiniões são incorporados dentro do contexto comercial. (Dijck; Poell; De Waal, 2018). Esse interesse é explicitado, por exemplo, a partir da renovação de recursos relacionados à interação, criados estrategicamente para possibilitar formas de engajamento do público cada vez mais rentáveis (Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Conforme abordamos anteriormente, essas formas de engajamento podem ser realizadas também por meio do discurso de ódio. Segundo Marques (2023), essa prática visa desumanizar seus alvos para que sejam compreendidos como inferiores e indignos de respeito, uma vez que, assim, a violência contra eles passa a ser legitimada e justificável. Assim, o discurso de ódio, para além de depreciar grupos específicos, tem o intuito de marcá-los como merecedores de ódio e, portanto, de serem alvos de ações negativas — muitas vezes violentas (Marques, 2023).

Waldron (2012), em *The Harm in Hate Speech*, acrescenta que o discurso de ódio não é um problema somente porque contribui para a exposição de sujeitos à violência, mas também por configurar um ataque à reputação social das vítimas. Isso porque, quando discursos discriminatórios são proferidos contra os indivíduos, a reputação de todo o grupo do qual pertencem é insultada (Waldron, 2012), o que contribui para a formação de um imaginário social negativo sobre determinados corpos. A partir dessas proposições, é possível nos afastar de uma proposição pontual do discurso de ódio e compreendê-lo em sua dimensão estruturada socialmente. Assim, questionamos: o que acontece quando grupos minoritários têm sua reputação social atacada?

No caso das lésbicas, por exemplo, como veremos na seção de análise, o ataque à reputação se relaciona ao modo como esses corpos são socialmente reconhecidos e, portanto, à maneira como são compreendidos enquanto dignos — ou não — de proteção contra a violência. Nesta perspectiva, há uma dinâmica sociotécnica entre os discursos intolerantes proferidos contra as lesbianidades na plataforma e os preconceitos que circulam fora das redes sociais digitais. Isto é, um *continuum online e offline* (Valente, 2023), que implica na compreensão de que as manifestações odiosas contra as lesbianidades não surgem no *Instagram*, mas encontram na plataforma um

espaço privilegiado para sua circulação, conformando-se mutuamente. Esse ponto de vista vai ao encontro das proposições de Miller e Horst (2021), os quais afirmam que, por meio da mediação tecnológica, práticas culturais já existentes se tornam ainda mais notáveis e ganham novas configurações.

Para além da plataforma: o *continuum* de violências

Como afirmado por Butler (2017, p. 25, trad. nossa) a vulnerabilidade é um efeito político produzido por “um campo de poder que atua sobre e por meio dos corpos”. A partir dessa compreensão, assumimos que a vulnerabilidade não é intrínseca a determinados corpos, mas desigualmente distribuída e “culturalmente codificada como feminina” (Butler, 2017, p. 48, trad. nossa). Desse modo, corpos entendidos socialmente como de mulheres, como o das lésbicas, têm sua vulnerabilidade estrategicamente intensificada em diferentes esferas.

Nessa perspectiva, considerando a dimensão sociotécnica que destacamos, é preciso situar o contexto de vulnerabilidade social em que as lésbicas estão inseridas. Assim, olhar para as informações disponíveis sobre as violências direcionadas a esse grupo nos parece especialmente relevante, pois permite compreender o *continuum* entre as práticas lesbofóbicas que se manifestam dentro e fora do ambiente virtual. Ainda que não existam mapeamentos oficiais sobre as violências cometidas contra as lesbianidades para utilizarmos como referência, há estudos realizados por pesquisadoras que oferecem recursos que podem nos auxiliar na compreensão desse cenário.

O *1º LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil* (2024), por exemplo – pesquisa produzida por Tagliamento, Brunetto e Almeida – buscou compreender as particularidades das violências que atingem mulheres lésbicas. Para tanto, as pesquisadoras entrevistaram pessoas que se identificam como lésbicas de todas as regiões do país, visando compreender como a violência lesbofóbica se manifesta em vários contextos. No âmbito familiar, a pesquisa evidencia a incidência de violências que se manifestam por meio de rejeição, intolerância, afastamento e suspensão financeira, o que explicita a condição de vulnerabilidade das lesbianidades mesmo no espaço que, teoricamente, deveria lhes oferecer proteção e apoio.

A (falta de) segurança em ambientes públicos também foi apontada na pesquisa do *Lesbocenso Nacional* (2024): segundo as entrevistadas, o medo de demonstrar afeto em ambientes públicos é algo constante, especialmente

por temerem serem vítimas de discriminação. Para além disso, as lesbianidades estão inseridas em vários outros contextos de violências: no ambiente de trabalho; na dificuldade de acesso a direitos institucionais teoricamente garantidos a toda a população; na fetichização e invalidação de suas relações; e no discurso de ódio proferido no ambiente virtual, que retroalimenta todo esse cenário de vulnerabilização, como veremos adiante.

Essas situações podem ser agravadas ou atenuadas a depender de marcadores sociais, uma vez que, embora a lesbofobia se constitua como uma forma de violência relacionada ao gênero e à orientação sexual, ela se articula a outros sistemas de opressão, intensificando as vulnerabilidades vivenciadas por determinados grupos (Ziller, Barretos, 2020).

Constelações do ódio: comentários proferidos contra as lesbianidades

Neste tópico, nos dedicamos a analisar o *corpus* selecionado. Para isso, recorreremos às proposições de Gonzatti (2017), que sugere três passos metodológicos: mapeamento e identificação dos significados que emergem de determinada materialidade digital; agrupamento de sentidos (e formação das constelações); e observação interpretativa de modo particular e/ou agrupado.

Seguindo este caminho e com o intuito de permitir autonomia ao objeto em nos mostrar os sentidos ali construídos, em um primeiro momento, observamos os significados presentes nos 2.228 comentários⁷. A coleta do material foi realizada manualmente, diretamente da publicação analisada na plataforma *Instagram*, sem o uso de ferramentas computacionais. A interpretação e sistematização dos comentários foi realizada pelas duas autoras do trabalho.

Em concordância com Ravn, Barnwell e Neves (2020) sobre práticas éticas no *Instagram*, compreendemos que, embora os comentários estejam disponíveis em um ambiente digital de livre acesso, são necessários cuidados éticos para não expor os usuários. Buscamos, então, suprimir seus nomes e fotos de perfil para que não sejam identificados, bem como modificar a ordem em que os comentários estão dispostos na publicação para dificultar sua rastreabilidade, focando apenas nos discursos proferidos⁸.

⁷ Por se tratar de um artigo derivado de uma pesquisa mais ampla, o período de coleta foi realizado entre julho e dezembro de 2024. Desse modo, novos comentários podem ter sido feitos no post após nossa observação.

⁸ Optamos por não realizar edições nos comentários, pois poderiam comprometer seus sentidos originais e, conseqüentemente, impactar o rigor analítico da pesquisa. Entretanto, reconhecemos os

A partir dessa aproximação inicial com o objeto, estabelecemos alguns filtros para que fosse possível definir um recorte empírico coerente com o objetivo da pesquisa. Os critérios consistiram em: 1) excluir os comentários de interação entre os usuários, focando apenas nos que dizem respeito à publicação propriamente dita⁹; 2) Dividir os comentários entre favoráveis e desfavoráveis¹⁰, para que fosse possível nos concentrar somente nesta última categoria, considerando o intuito de observar especificamente a construção do discurso de ódio em relação às lesbianidades. A partir da aplicação desses filtros, chegamos ao número de 777 comentários que se relacionam especificamente ao conteúdo da publicação e evidenciam posições preconceituosas¹¹ em relação às lesbianidades, compondo, portanto, o foco analítico deste trabalho.

Depois de definir este novo recorte numérico, realizamos uma leitura individual, observando elementos linguísticos que atuam enquanto veículos de discurso de ódio contra lesbianidades. Foram elaborados, então, arquivos de sistematização, nos quais os comentários passaram a ser organizados conforme suas aproximações semânticas e estratégias argumentativas. A partir disso, cada comentário foi caracterizado com algum significado emergente, identificado de acordo com signos semelhantes e, posteriormente, agrupado em eixos temáticos. O percurso realizado nesse processo — da observação dos elementos à definição das categorias — foi compilado na Tabela 1, na qual detalhamos alguns dos termos que nos conduziram à interpretação dos comentários e posterior identificação dos agrupamentos de sentidos.

limites dessa abordagem, motivo pelo qual recorremos a outras estratégias que dificultam a identificação dos usuários.

⁹ Entendemos que, embora os comentários de interação entre os usuários sejam relevantes para a compreensão do ambiente digital como um todo, esse aspecto extrapola o escopo deste artigo.

¹⁰ Nessa subdivisão, entendemos como favoráveis os comentários que defendem as lesbianidades de algum modo. Já os desfavoráveis, compreendemos como aqueles que produzem discursos violentos em relação às lésbicas.

¹¹ Nós nos ancoramos na definição de preconceito realizada por Nascimento e Manfrim (2025). Os autores o entendem como um dos mecanismos que mantém as hierarquias entre os grupos sociais. Portanto, entendemos, aqui, que comentários preconceituosos são aqueles que legitimam práticas de inferiorização e discriminação contra as lésbicas.

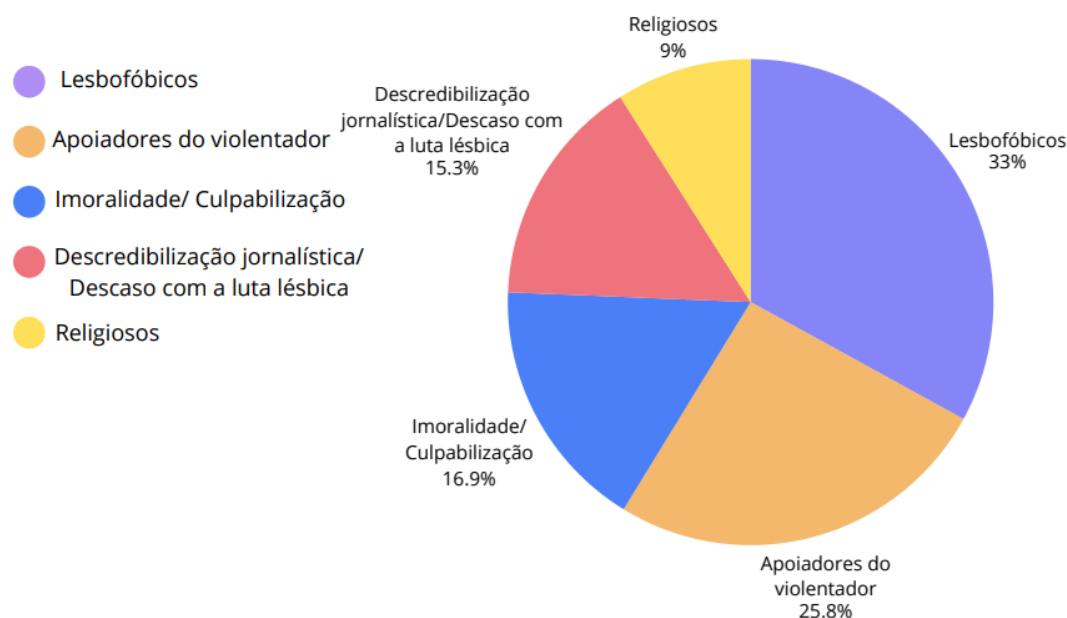
Tabela 1: Percurso de observação do objeto até a definição das constelações de sentidos.

Elementos linguísticos observados →	Interpretação dos elementos →	Definição das categorias
“casal? dupla*”, “virou ditadura”, “heterofobia tb é crime?”, “nunca vai ser normal”, “aberração”	Comentários que se manifestam contra a existência lésbica e a seu reconhecimento identitário	Lesbofóbicos
“ele tá certo”, “parabéns ao dono”, “o bar é do dono”, “as regras são dele”	Comentários que associam que, por ser proprietário do estabelecimento, o dono do bar teria o direito de exercer o crime de homofobia	Apoiadores do violentador
“façam em casa”, “falta de respeito”, “indecentes”, “safadeza”, “imorais”, “bem feito”	Comentários que associam as lesbianidades à imoralidade e as colocam como as próprias responsáveis pela violência que sofreram	Imoralidade/Culpabilização
“globolixo”, “falta de notícia”, “mimimi”, “falta do que falar”	Comentários que <u>descredibilizam o G/</u> por noticiar o caso de lesbofobia	Descredibilização jornalística/ Descaso com a luta lésbica
“Deus”, “pecado”, “maldição”, “inferno”, “vão queimar”, “diabo”	Comentários que praticam lesbofobia por meio de discursos religiosos	Religiosos

Fonte: Elaboração própria (2026)

A partir desses movimentos, identificamos a presença de cinco constelações de sentido e contabilizamos a quantidade de comentários que dizem respeito a cada uma, como evidenciado pela Imagem 1. Os agrupamentos são: “Lesbofóbicos” (256 ou 32,9%); “Apoiadores do violentador” (200 ou 25,7%); “Imoralidade/Culpabilização” (111 ou 16,9%); “Descredibilização jornalística/ Descaso com a luta lésbica” (119 ou 15,3%) e “Religiosos” (70 ou 9,1%). Importa registrar, contudo, que as constelações não são universos isolados, mas dialogam e estabelecem relações entre si, o que possibilita que os comentários estejam em mais de um agrupamento simultaneamente.

Imagem 1: Constelações presentes na publicação, por porcentagem e quantidade de comentários.



Fonte: Elaboração própria (2026).

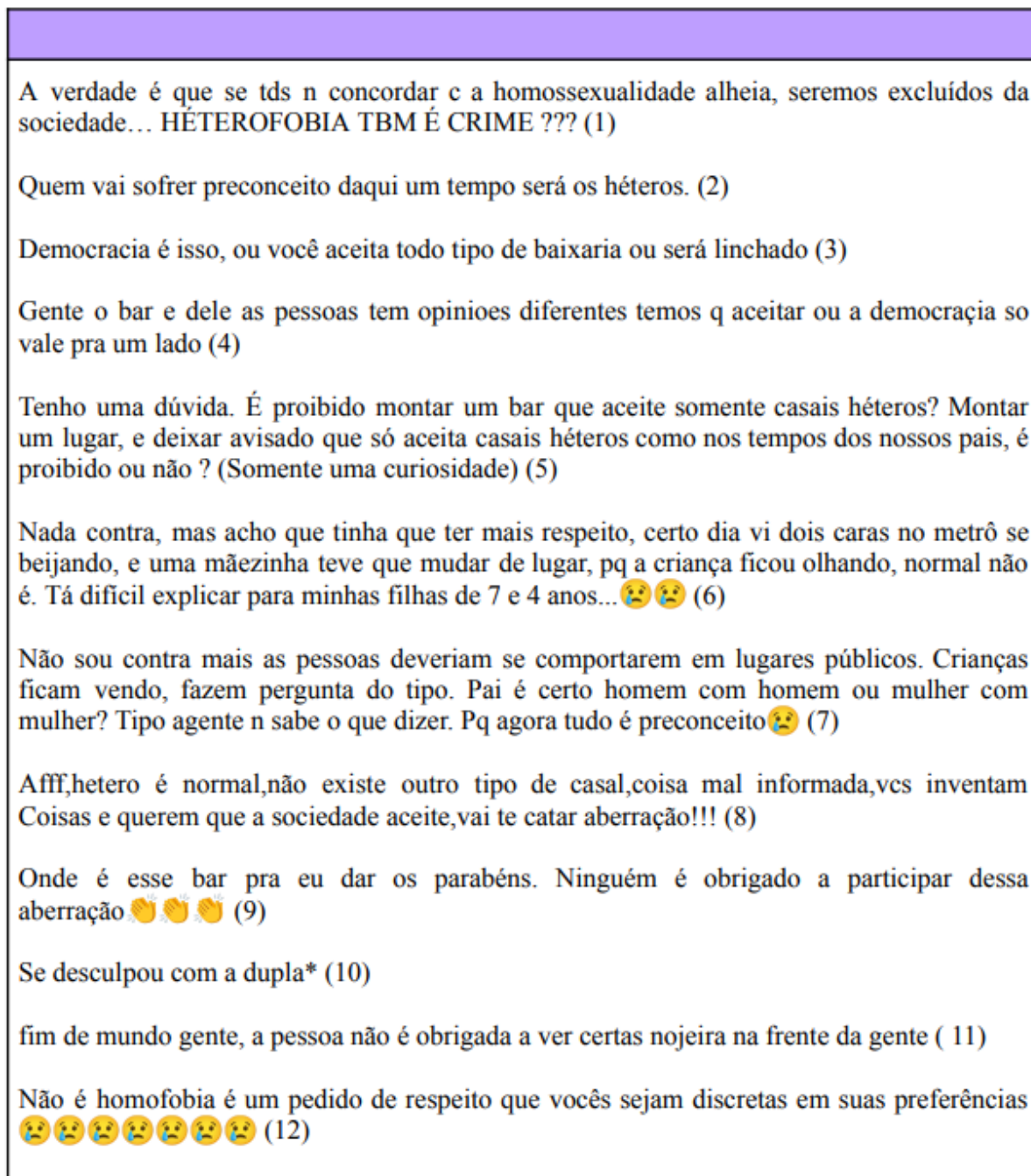
A próxima etapa do caminho metodológico proposto por Gonzatti (2017) consiste na interpretação das constelações de sentidos emergentes, movimento que realizamos em conjunto a uma problematização crítica, articulando bases teóricas e empíricas, para que seja possível compreender os sentidos que atravessam este cenário de ódio.

Lesbofóbicos

O núcleo de sentido “Lesbofóbicos” agrupa os comentários que se expressam contra a comunidade lésbica e seu reconhecimento identitário. É a maior e mais ampla categoria, pois além de englobar o maior número de comentários (256, 32,9% dos comentários negativos), abarca vários de outras constelações. Compilamos alguns exemplos na Imagem 2¹²:

¹² Os números entre parênteses após os comentários correspondem a uma numeração nossa para facilitar a identificação.

Imagem 2: Amostra dos comentários presentes na constelação “Lesbofóbicos”.



Fonte: Elaboração própria (2026)

Os comentários retratam um comportamento frequente nas plataformas digitais: o discurso de ódio como evidência do receio de perder privilégios sociais, característica frequente nesse tipo de observação, como apontado por Guillén-Nieto (2023). No virtual (e fora dele), grupos normativos temem ter seus direitos ameaçados por minorias sociais e, por isso, atuam sob a ideia de defesa, seja da família tradicional e/ou da heterossexualidade. As pessoas autoras dos comentários 1 e 2 afirmam estar sofrendo “heterofobia”, que

significaria preconceito ou aversão aos heterossexuais. Tal discriminação é inexistente, visto que a heterossexualidade é a expressão sexual normativa, então as pessoas que condizem com ela, aos olhos da sociedade, não são dissidentes. Nesse sentido, a hipérbole – recurso linguístico para exagerar ideias – é utilizada para dramatizar o impacto das conquistas dos direitos lésbicos, transformando demonstrações cotidianas de afeto, como o “selinho”, em uma ameaça aos valores tradicionais.

Os comentários 3 e 4 utilizam como argumento uma inversão das ideias de democracia e direitos, argumentando que já que uma das pautas de um governo democrático é a liberdade de expressão, todos deveriam ter o direito de manifestar as mais diversas “opiniões”, inclusive as discriminatórias. O comentário 5, por sua vez, faz menção à possibilidade de “montar um bar que aceite somente casais héteros”, o que demonstra uma visão de superioridade heterossexual e o objetivo de excluir pessoas LGBTQIAPN+, especificamente as lésbicas nesse contexto. Os comentários 6 e 7, sob a ótica de atribuir os afetos lésbicos ao campo da imoralidade, utilizam o argumento de que a expressão da lesbianidade é imprópria para ser realizada na presença de crianças.

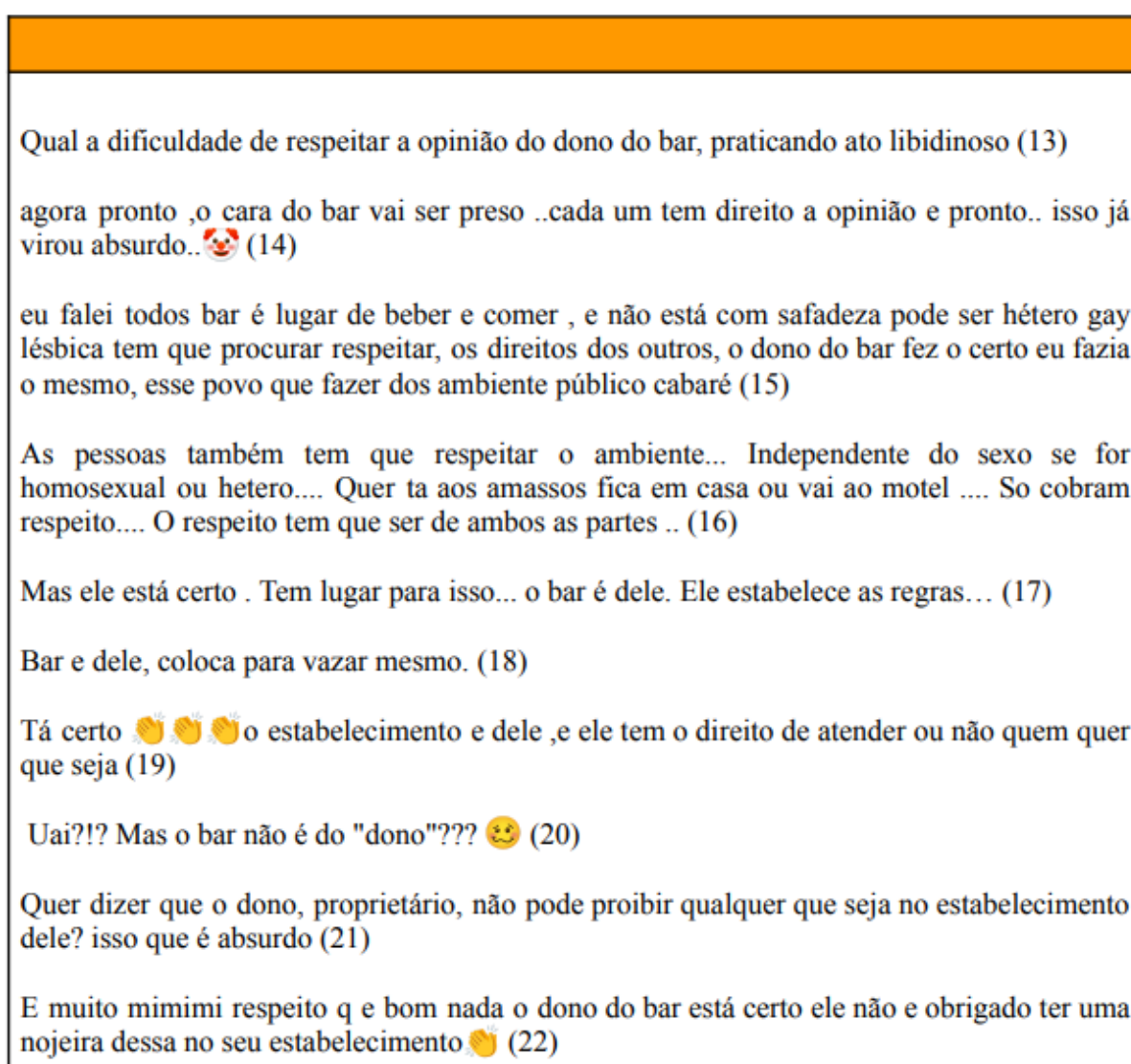
Nesta constelação de sentidos, há também os comentários que expressam uma dificuldade em validar outras existências e formações familiares distintas da heteronormativa. O comentário 10, por exemplo, faz uso do símbolo * depois da palavra “dupla” para sugerir uma correção da palavra “casal” presente na legenda da publicação, dando a entender que duas mulheres não poderiam compor um casal. Para Butler (2018), o reconhecimento identitário impacta na maneira como se é classificado nos processos sociais vigentes. Portanto, quando não têm suas relações reconhecidas, as lésbicas estão sujeitas a sofrer diversas violências.

Por último, há os comentários que associam os afetos lésbicos à falta de respeito e até à “nojeira”, como fez o usuário autor do comentário 11. Os discursos que emergem nesse sentido afirmam um “selinho” – se dado por um casal de mulheres – é capaz de ferir os olhos de quem presencia. Portanto, para a sociedade heteronormativa, o ideal é que mulheres lésbicas se recolham à privacidade e “sejam discretas em suas preferências” (Comentário 18).

Apoiadores do violentador

Os comentários englobados por esta constelação de sentidos correspondem aos que, explicitamente, deram apoio à violência cometida pelo dono do bar, como evidenciado pela Imagem 3. Este núcleo é o segundo maior da análise, com 200 comentários (25,7% do grupo dos negativos), o que explicita o número significativo de pessoas que concordaram com o pensamento lesbofóbico do autor do crime, índice demonstrativo de que, para uma parcela da sociedade, as lésbicas são vistas como corpos que não merecem proteção.

Imagem 3: Amostra dos comentários presentes na constelação “Apoiadores do violentador”.



Fonte: Elaboração própria (2026).

No agrupamento de comentários acima, é possível notar argumentos semelhantes aos “Lesbofóbicos”, uma vez que os usuários que apoiaram as

atitudes do violentador também utilizaram da ideia de democracia e direitos iguais para justificar o preconceito. Tal argumentação é fundamentada na tentativa de inverter a situação, como se as pessoas que ocupam lugares dominantes socialmente fossem as vulnerabilizadas. Os comentários 15 e 16 expressam que “independente do sexo” o dono do bar estaria correto em expulsar o casal por trocar afetos no local. Nessa lógica, mesmo que as pessoas envolvidas fossem heterossexuais, receberiam o mesmo (des)tratamento que o casal de mulheres. Esse argumento é uma tentativa de minimizar a percepção do preconceito como tal, uma vez que alega que a ação do dono do bar teria sido motivada pela demonstração de afeto em si, não pelas pessoas que estavam envolvidas.

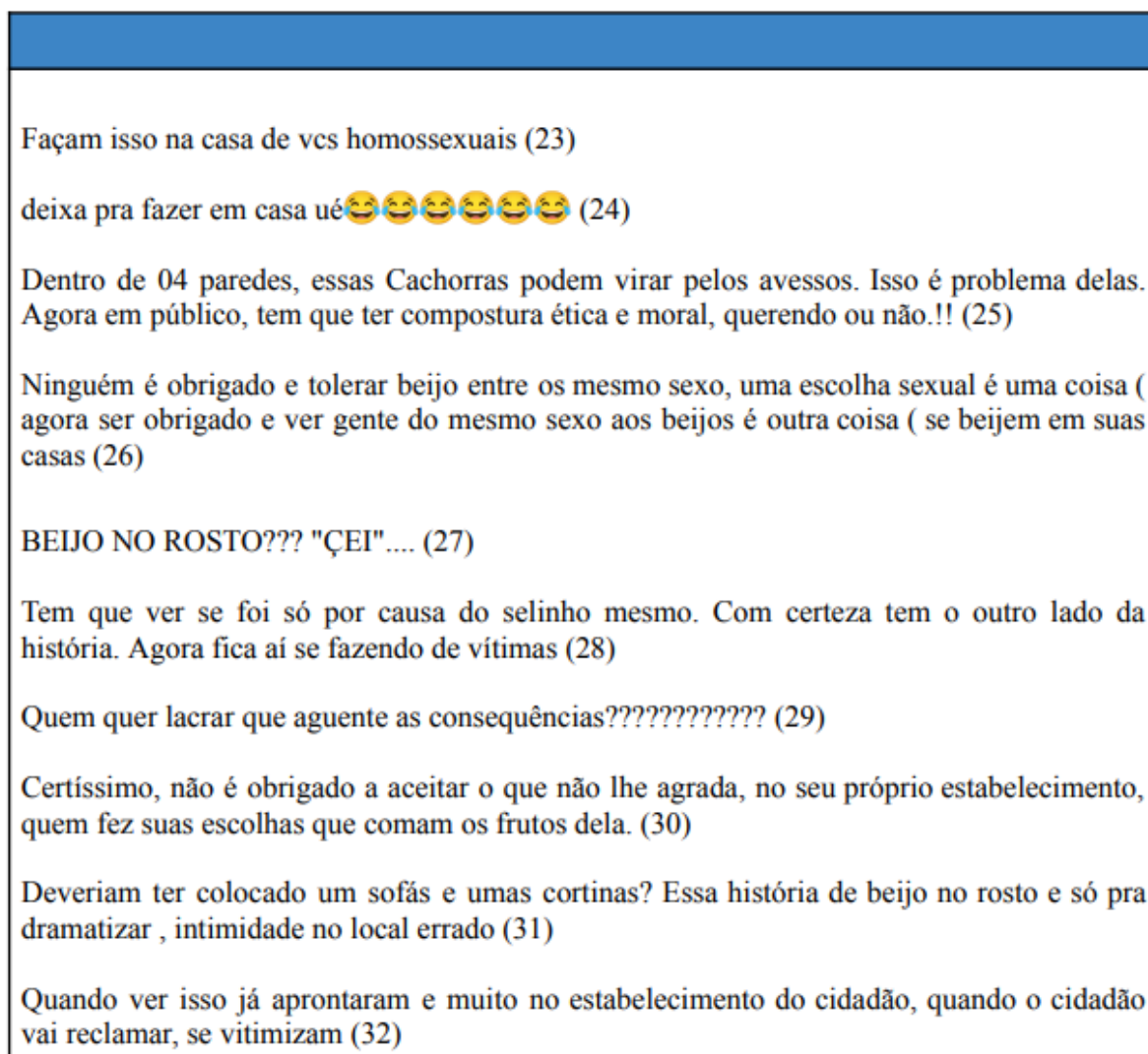
Os outros comentários do núcleo referem-se à legitimação da discriminação cometida pelo violentador sob a justificativa de que o proprietário do estabelecimento pode impor suas regras no local, que é propriedade privada. No entanto, a Lei¹³ não permite que indivíduos sejam discriminados e impedidos de acessar direitos básicos, como o do lazer, devido à orientação sexual. Portanto, o argumento de posse do lugar para validar uma exclusão baseada na sexualidade das vítimas não se sustenta.

Imoralidade/ Culpabilização

Esta constelação agrupa 131 (ou 16,9%) dos 777 comentários negativos. Os dois agrupamentos “imoralidade” e “culpabilização” foram reunidos em uma mesma constelação de sentidos porque entendemos que estão associados, uma vez que há uma relação entre a compreensão de que as vítimas devem ser culpabilizadas pela violência que sofreram e a percepção de que o carinho entre lésbicas é algo imoral, que deve ser punido. Essa articulação de significados foi explícita neste agrupamento, como evidenciado pelos exemplos compilados na Imagem 4:

¹³ O Art. 5º da Lei 7.716/1989 evidencia que “recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, negando-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador” pode configurar crime de homofobia em casos motivados por discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+.

Imagem 4: Amostra dos comentários presentes na constelação “Imoralidade/Culpabilização”.



Fonte: Elaboração própria (2026).

Os primeiros comentários dizem respeito explicitamente à visão social de que o lugar das sexualidades dissidentes, mais especificamente das lésbicas, não é no espaço público, mas recolhidas ao ambiente privado. O afeto, aqui, mesmo se tratando de um toque de mãos, é visto como algo sujo e negativo, atribuição frequente em casos de violências que envolvem as lesbianidades, conforme apontado por Soares Rodrigues, Ferreira, Lopes e Xavier (2026). O comentário 25 desumaniza as lésbicas ao ponto de comparar suas práticas sexuais à de cachorros e ignora que, no contexto do caso explicitado, não havia relação sexual. A compreensão de Marques (2023) de que a desumanização objetiva situar os sujeitos como seres desprezíveis e inferiores ao que é considerado como humano, tornou-se bastante evidente neste discurso.

Os comentários 27 e 28 colocam em xeque o relato das vítimas, pois questionam se elas teriam sido expulsas somente pelo “selinho”, como

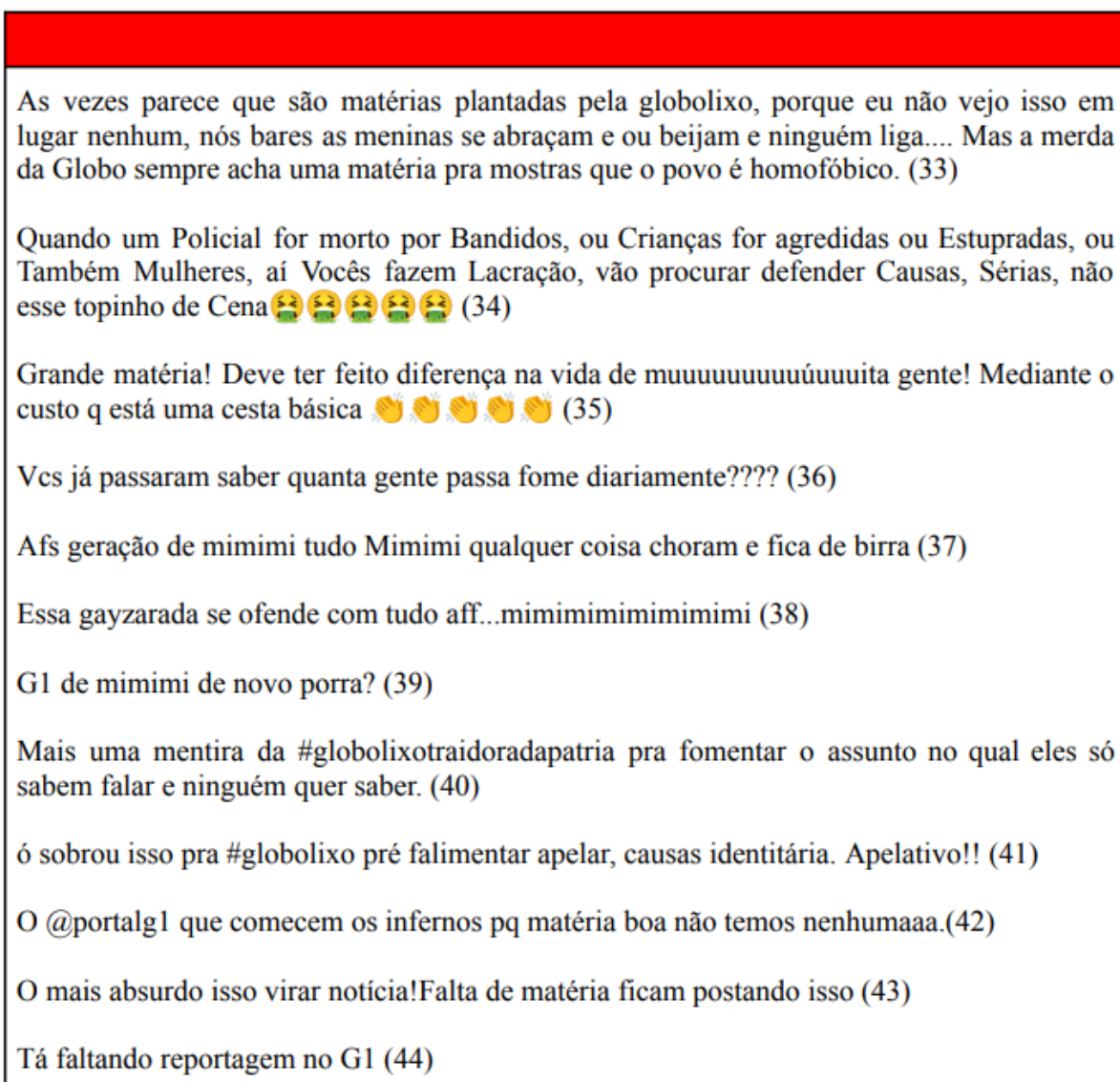
afirmaram. Por meio da ironia, os usuários duvidam da veracidade dos testemunhos das vítimas. Conforme Gomes Barbosa (2024, p. 8), o relato testemunhal tem grande importância, já que “é capaz de promover reparações subjetivas e atender distintas demandas por justiça”. Logo, contestar o relato das vítimas de lesbofobia do caso aqui tratado é fazê-las sofrer novas violências.

A ironia, em discursos como esses, opera naturalizando a violência lesbofóbica, uma vez que utiliza do humor para mascarar discursos discriminatórios. Para Guillén-Nieto (2023) o uso da ironia tem o intuito de dificultar a identificação da violência, funcionando como uma estratégia para que o comentário não seja retirado da plataforma nem haja penalizações. Os últimos comentários desta amostra – que correspondem a 29, 30, 31 e 32 – apontam para a culpabilização das vítimas, as considerando responsáveis pela intensificação de seus processos de vulnerabilização.

Descrédibilização jornalística/ descaso com a luta lésbica

Com 119 comentários (15,3% dos negativos), este agrupamento diz respeito às interações que questionam a legitimidade jornalística do portal *G1* por reportar um caso de lesbofobia, conforme evidenciam os comentários compilados na Imagem 5. Ao descrédibilizar o veículo midiático, os usuários partem da ideia de que o jornal manipula ou inventa casos de violências contra grupos minoritários para defender uma posição política, ao mesmo tempo em que tentam invalidar as denúncias feitas pela comunidade lésbica. Esta é a razão destes dois núcleos estarem agrupados, uma vez que, em nossa perspectiva, a descrédibilização do portal está diretamente associada à percepção social de que a denúncia da lesbofobia não é necessária.

Imagem 5: amostra dos comentários presentes na constelação “Descrédibilização jornalística/ Descaso com a luta lésbica”



Fonte: Elaboração própria (2026)

Os comentários 33, 40 e 41 usam o termo “globolixo” para descrédibilizar as informações divulgadas pela emissora e seus veículos. Além disso, o autor do texto 33 afirma que não vê lesbofobia em lugar nenhum e, ao fazer isso, nega a existência de uma violência que é sistêmica. Já os discursos expressados pelos comentários 34, 35 e 36 promovem uma hierarquização entre crimes, de modo a colocar a lesbofobia e a discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+ como temas sem relevância social. Os textos dos comentários 37, 38 e 39 usam a expressão “mimimi” para deslegitimar o ativismo lésbico e julgar suas causas como “exageradas”.

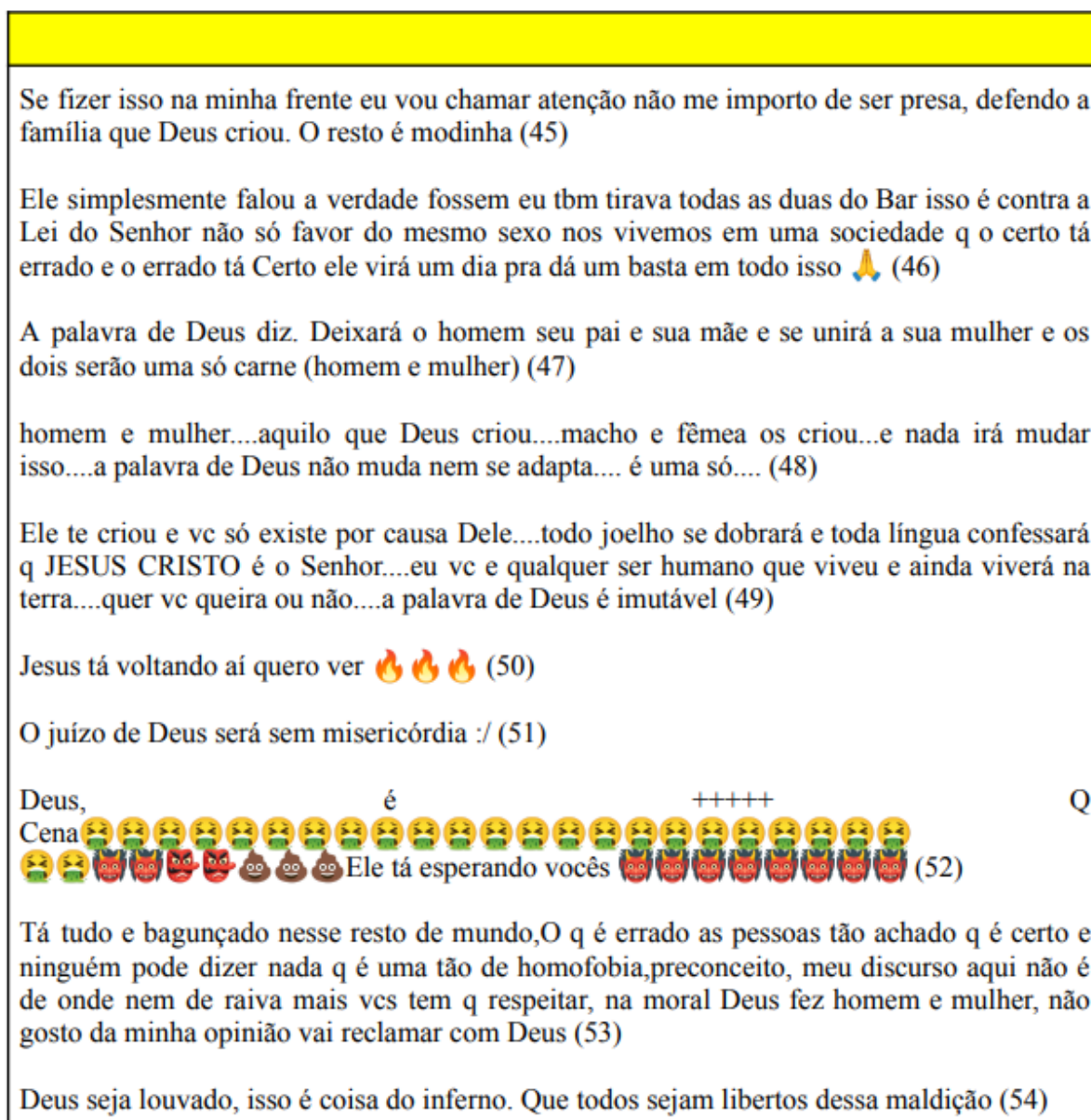
As reflexões de Maitra, em *Silencing Speech* (2009) são relevantes para pensar esse contexto. A autora discute que o silenciamento de alguém não ocorre somente com o impedimento da fala desse sujeito, mas também quando o público não reconhece como válidos seus atos comunicativos. Esse não-reconhecimento, segundo Maitra (2009), está diretamente associado a preconceitos sociais que colocam pessoas socialmente subalternizadas como indignas de falar; de reivindicarem seus direitos. Portanto, é possível relacionar que o discurso de ódio proferido nessa constelação de sentidos, ao ridicularizar as denúncias das lesbianidades, contribui para seu silenciamento.

Os discursos enredados nos demais comentários criticam o veículo jornalístico por noticiar temáticas relacionadas à diversidade e inclusão, acusando-o de publicá-las por falta de pautas. Por exemplo, o comentário 40 trata a emissora como uma “traidora dos valores nacionais” por dar espaço às discussões sobre lesbofobia. Em síntese, os principais sentidos emergentes desta constelação implicam na pressuposição de que o *G1* perde credibilidade ao noticiar essas ocorrências, que sequer deveriam entrar em pauta.

Discursos religiosos

Os discursos religiosos foram percebidos em 70 comentários – 9,1% dos negativos. Nesta constelação, as articulações lesbofóbicas são manifestadas sob justificativas baseadas em valores religiosos, que operam por meio de técnicas de desqualificação e controle das expressões sexuais (Natividade, 2006). Nessa perspectiva, a única possibilidade de relacionamento afetivo-sexual vista como correta é a heteronormativa, sob a ótica de que essa é a “vontade de Deus”, como é possível perceber nos discursos compilados na Imagem 6:

Imagem 6: amostra dos comentários presentes na constelação “Religiosos”.



Fonte: Elaboração própria (2026).

Os comentários deste grupo expressam a lesbofobia a partir de uma visão que considera a homossexualidade um desvio ocasionado pelas perversões mundanas, mas que pode ser “curada” se as pessoas acometidas (pelo mal/doença) buscarem a salvação, que seria a conversão à heterossexualidade. O comentário 45 afirma defender a família “que Deus criou”, em referência ao pensamento de que há apenas um modelo legítimo de constituição familiar – a de lógica heteronormativa.

O comentário 48, por sua vez, defende que “a palavra de Deus não muda nem se adapta”, explicitando que a criação divina é imutável e incontestável. Não por coincidência, sob esse argumento, o mesmo mandado divino

determinou que apenas as relações heterossexuais estão de acordo com a norma. Marques (2023) menciona que, ainda que o discurso proferido seja ancorado em uma cultura arraigada socialmente, como a religião, não há dúvidas de que, quando utilizado para hostilizar indivíduos, também se enquadre como um discurso de ódio, tendo em vista o objetivo de desprezar determinados corpos e de taxá-los como repulsivos.

Os discursos enredados nos comentários 50 e 51 recorrem a argumentos que evocam a “volta de Jesus” e o “juízo sem misericórdia” como formas de coagir as lésbicas para que se “convertam” à heteronormatividade. Para os autores dos comentários, por serem dissidentes da heteronormatividade, as lésbicas são corpos pecaminosos perante as leis de Deus, sendo, portanto, merecedoras de condenação eterna. O usuário que fez o comentário 52 também evidencia essa lógica, uma vez que, ao associar os símbolos “👹👹👹👹” – que correspondem à imagem do “diabo” – com o texto “Ele tá esperando vocês”, expressa os sentidos de que as lésbicas estão destinadas ao inferno. Neste sentido, os próprios recursos disponibilizados pela plataforma *Instagram*, como os emojis, participam dessa configuração e contribuem para novas formas de expressões de ódio dentro deste ambiente digital.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, foi possível perceber que os usuários fizeram uso de diferentes estratégias para praticar violências contra as lesbianidades. Por meio de argumentos que as associam à imoralidade, ao pecado e à inferioridade, buscaram defender a posição privilegiada da heterossexualidade e destacar o desvio normativo das vítimas. Além disso, a observação nos possibilitou compreender que o discurso de ódio proferido contra as lesbianidades neste ambiente digital, ao mesmo tempo em que é consequência da visão social lesbofóbica que vulnerabiliza mulheres lésbicas, também pode contribuir para a sua intensificação, configurando um processo de constituição mútua deste cenário, um *continuum* (Valente, 2023), como abordamos anteriormente.

O papel da própria plataforma *Instagram* na ampliação da visibilidade desses discursos de ódio também teve destaque nos achados da pesquisa. Isso ocorre, por exemplo, pela lógica de engajamento, que, a partir de interações – sejam elas positivas ou negativas – contribui para ampliar o alcance das publicações e, conseqüentemente, dos comentários lesbofóbicos (e de suas

lógicas lucrativas). Ainda, ao demonstrar fragilidades em seus mecanismos de moderação e proteção dos usuários na rede, o *Instagram* contribui para que os comentários *online* em conteúdos jornalísticos sejam espaços de disputas de sentido em que vítimas podem ser expostas a um cenário de vulnerabilidade ainda maior.

Tal contexto reforça que a própria infraestrutura da plataforma *Instagram* se orienta por fatores socioeconômicos, interferindo em outros processos, como em suas formas de moderação. Ainda, é pertinente destacar que, de modo semelhante, o Grupo Globo, mesmo após quatro anos do caso, ainda manter todos os comentários lesbofóbicos no ar, evidencia uma fragilidade na moderação que contribui para a circulação do discurso de ódio.

Assim, podemos pensar em uma tripla vulnerabilidade digital em torno das lesbianidades: aquela produzida pelo portal que veiculou o conteúdo, já que não remove os comentários e demonstra limitações quanto à responsabilização para as pessoas praticantes de discurso de ódio; a decorrente das próprias violências proferidas nos comentários e, por fim, a produzida pela plataforma *Instagram* que, ao não moderar de forma eficaz esses discursos, mas ampliar sua visibilidade a partir de suas propriedades, contribui para processos de estigmatização das lesbianidades. Importa mencionar, além disso, que embora este trabalho tenha privilegiado a análise dos discursos de ódio, compreendemos, a partir de (Taborda, 2026), que o ambiente digital é atravessado por tensões mais amplas, das quais também emergem formações de redes de apoio e articulações contra-hegemônicas, coexistindo e disputando sentidos com manifestações de violência e ódio.

Bibliografia

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão Da Identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 1ª ed. Civilização Brasileira, 2018, 226p

_____. Vulnerabilidad corporal, coalición y la política de la calle. **Nómadas**, Bogotá, n. 46, p. 13-29, jun. 2017.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022

DIJCK, José Van.; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford university press, 2018.

FERREIRA, Amanda.; MONTARDO, Sandra; VALIATI, Vanessa. Usos e apropriações das affordances do instagram pelo jornalismo: um estudo de caso do @portalg1. **Cambiassu**, v. 19, n. 33, 2024

GOMES BARBOSA, Karina. Ariadnes: percursos e experiências. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO (ENEJor), 23., 2024, Goiânia. **Anais do 23º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo**. Goiânia: Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2024. Disponível em: [link](#). Acesso em: 4 jun. 2026.

GONZATTI, Christian. **Bicha, a senhora é performática mesmo**: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop. 2017. Disponível em: [link](#). Acesso em: 14 mar. 2025.

GUILLÉN-NIETO, Victoria. **Hate speech: linguistic perspectives**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2023.

JOHN, Valquiria; COSTA, Felipe; CAMINADA, Thiago. **Corpos femininos despertam o ódio: análise de comentários de haters e trolls em notícias compartilhadas pelo G1**, 2018. Disponível em: [link](#); Acesso em 20/04/2026

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.21, n.61, 2006.

MARQUES, Teresa. The expression of hate in hate speech. **Journal of Applied Philosophy**, p. 1-19, 2023. Disponível em: [link](#). Acesso em: 16 maio 2026.

MAITRA, Ishani. Silencing Speech. **Canadian Journal of Philosophy**, v. 39, n. 2, p. 309-338, jun. 2009

MILLER, Daniel; HORST, Heather. Six principles for a digital anthropology. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather A. (org.). **Digital anthropology**. London: Routledge, 2021. p. 21–43.

NASCIMENTO, Anderson.; MANFRIM, Sílvia Helena. Escola e sexualidade: uma visão moderna de profissionalismo no âmbito social. **ETIC – Encontro de Iniciação Científica**, Presidente Prudente, v. 10, n. 10, 2015. Disponível em: [link](#) Acesso em: 16/05/2026.

OLIVEIRA, Maria Clara. **Impolidez no ambiente digital: medidas implementadas pelo instagram para evitar o discurso de ódio na rede**. 2024. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagem Jurídica). Curso de Especialização em Linguagem Jurídica, UFMG, Belo Horizonte.

RAVN, Signe; BARNWELL, Ashley; NEVES, Bárbara. What is “publicly available data”? Exploring blurred public-private boundaries and ethical practices through a case study on Instagram. **Journal of Empirical Research on Human Research Ethics**, v. 15, n. 1-2, p. 40-45, 2020.

SOARES RODRIGUES, Maria Clara; FERREIRA, Livia Kelly; LOPES, Steyce; XAVIER, Kellen. Deseos inmorales: violencia mediática en noticias sobre lesbofobia en espacios privados de uso público. **Revista Reflexiones**, San José, v. 106, n. 2, 2026. DOI: <https://doi.org/10.15517/rr.v106i2.00005>

TABORDA, Clarissa Gandor. Bissexualidade e entre-lugares: disputas por visibilidade e pertencimento no Instagram. In: 35º Encontro Anual da Compós, 2026, Natal. **Anais do 35º Encontro Anual da Compós**.

TAGLIAMENTO, Grazielle; BRUNETTO, Dayana; ALMEIDA, Raquel. **I LesboCenso Nacional: mapeamento de vivências lésbicas no Brasil. Relatório descritivo: 2ª etapa**, 2024. Curitiba: LBL/UFPR, 2024.

TUVUCA, Marcelo; HELDER, Darlan. **Meta publica em português nova política que associa público LGBTQIA+ a doenças mentais**. G1, 9 jan. 2025. Disponível em: [link](#). Acesso em: 19 mar. 2026.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na Internet**. 1ª Ed. Fósforo, 2023. 267p

WALDRON, Jeremy. **The harm in hate speech**. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

ZILLER, Joana; BARRETOS, Dayane. **Lésbicas também transam: disputas sobre a visibilidade das lesbianidades no Instagram**, 2020. Disponível em: [link](#); Acesso em 15/05/2026.

Recebido em: 31/03/2026

Aceito em: 10/07/2026